Guarany: em Manaus, um exemplo de luta

Selda Vale da Costa e Narciso Julio Freire Lobo

Os prédios, além de testemunhos, são também testemunhas mudas de uma ou muitas gerações. Não só têm uma história, mas contam uma história; portanto, rigorosamente nem mudos são os prédios que resistem ao tempo e acabam por criar uma memória. Tornam-se símbolos. Com o Guarany se passa assim.

O Cine Guarany atual, batizado como Casino Julieta em 21 de maio de 1907, nasce numa Manaus em que as loucuras e excessos da *belle époque* do Ciclo da Borracha ainda estão fazendo a festa da elite do extrativismo. Os dias da decadência ainda são coisas impensadas, mas as nuvens anunciando o temporal dos trópicos já vêm se aproximando. O Casino Julieta vem, segundo o jornal *Amazonas*, "preencher uma lacuna que se notava, no nosso meio, quanto à existência de uma casa no gênero daquella". Manaus possuía então, além do Teatro Amazonas (inaugurado em 1896), o Polytheama (de 1904), o Eldorado e o teatrinho da Beneficência Portuguesa; circos periódicos, alguns clubes sociais, como o Ideal Club, e vários cafés-dançantes para seu prazer e divertimento. Havia o Velódromo, o Derby-Club, no Prado Amazonense (1906) para os esportes da elite, jornais e revistas européias recentes, os gramofones e discos da Casa Edison do Rio de Janeiro.

O cinema era um divertimento popular, de família. Um agradável passatempo e muito procurado. Mas, nessa época, ainda não era visto como um investimento lucrativo capaz de impulsionar a construção de casas específicas para exibições. Era ainda o período dos cinematógrafos ambulantes. Assim, o Casino Julieta foi construído para ser um teatro, uma casa de diversões, que funcionaria todas as noites com espetáculos variados; mas logo o cinematógrafo fará aí seu ninho para não mais levantar vôo.

De modesta, a nova casa não tinha nada. Levando muitos anos para ser construída, segundo Agesilau Araújo, um dos proprietários do Cine Guarany, foi levantada com material vindo da Europa, como era costume e possível naquele tempo. Apresentava uma variedade de estilos arquitetônicos, também muito comum nas construções da época, imitação de várias escolas européias. Nele predomina uma influência mourisca, como resultado da presença árabe na Península Ibérica, trazida para os trópicos pelos portugueses. No aspecto externo, a presença mourisca se faz sentir pelos portais enormes e pelas bandeirolas no alto. Internamente, a *art-nouveau* se funde com arabescos.

No dia 1º de setembro de 1907 o Julieta apresentou "as últimas creações das accreditadas casas Gaumont e Pathé Frères de Paris". Foi um sucesso, que vai se repetir nas sessões dos dias seguintes até o dia 13, visto o jornal do dia 12 anunciar o oitavo e penúltimo espetáculo. É que brevemente iria começar a trabalhar no Julieta um novo cinematógrafo, "dos mais apperfeiçoados e completos que existe, chegado ultimamente a Manaus". A novidade era que este trazia o aparelho "falante" apresentando "diversas óperas cantadas por artistas célebres". Como sempre, "espetáculo dedicado às famílias"!

1910 foi um ano de graves e crescentes crises políticas, resultado da contenda entre as oligarquias Nery e Bittencourt, que levou Manaus a uma situação política insuportável e ao terrível bombardeio da cidade em 8 de outubro. Cessaram as atividades frenéticas tão características de uma cidade em expansão. As docas e os armazéns iriam deteriorar-se mais tarde, bancos fechariam, comerciantes estrangeiros mudar-se-iam para outras plagas, o Teatro Amazonas ficaria entregue ao abandono. "Era evidente que o período de fastígio da borracha amazonense havia terminado", segundo observações de Bradford Burns.

Em 1911 o cinema conquista definitivamente Manaus, como um divertimento popular. É a idade de ouro do comércio cinematográfico estrangeiro e o fim da *belle époque* do cinema nacional, que só irá se recuperar nos anos 20. E o Julieta se transformará no Alcazar, como mais tarde este se transformará no Cine Guarany.

Os anos de 1914 e 1915 assinalam o ponto máximo do êxodo de trabalhadores que abandonavam os seringais, a deflagração da I Guerra Mundial, as disputas internas pelo poder. O sonho tinha acabado... As ilusões do Eldorado eram apressadamente encaixotadas junto com os bens que restaram das famílias, que corriam para o cais à procura de navios para abandonar a região. São inaugurados os cinemas Rio Branco e Odeon, em Manaus, e o interior do Amazonas também é invadido pelos cinemas.

1918 é muito importante para a produção cinematográfica em Manaus. É fundada a Amazônia Cine-Film, por um grupo de comerciantes e com interesses do novo governador, Alcântara Bacellar. Silvino Santos voltará às câmeras e filmará vários aspectos da cidade, além de preparar o longa-metragem *Amazonas, o Maior Rio do Mun-*

No dia 6 de agosto de 1938 o antigo cinema Alcazar, de Manaus, reabriu com o nome de Cine Guarany.

do. O Alcazar abre somente aos domingos, com filmes e, às vezes, com atos de variedades no palco. É lá que Silvino Santos vai exibir algumas cenas do filme *Terra Encantada*, rodado no Rio durante a Exposição do Centenário da Independência.

Mas, desgastado por tantos anos de brilho, com marcas profundas em seu palco, tantas vezes pisado, os filmes sonoros exigindo alterações nas salas, o Alcazar vai descansar na década de 30. Segundo depoimento de Agesilau Araújo, um dos proprietários do prédio, durante anos o Alcazar serviu de depósito para material de propaganda de outros cinemas da Empresa Fontenelle. Algumas vezes ele era aberto ao público, não para exibir filmes, mas para apresentar obras teatrais de grupos locais e também para servir de salão de dança. Apenas em 1938, com a Empresa Avenida Limitada, atual Empresa de Cinemas Bernardino Ltda., após ter inaugurado o Avenida em 1936, é que começam as obras de reforma total do Alcazar. Contratando Vasco Faria (o *vovô* Vasco) para dinamizá-lo, a empresa vai inaugurar o novo Cine Guarany a 6 de agosto de 1938. E a partir de então, até hoje, ele nunca deixará de ter suas amplas portas abertas, para a delícia de toda Manaus.

Com *vovô* Vasco e preços módicos, o Guarany reafir-

ma sua condição de cinema popular. "Todos os amantes do cinema são unânimes em proclamar as vantagens que oferece esse novo centro de diversões — o Guarany — aos seus freqüentadores que têm, nele, a impressão de que estão ao ar livre, tal a originalidade que apresenta, sem paredes laterais, dando a idéia de que, na sua construção e acabamento, houve muito em conta o nosso clima tropical. Mas, a maior vantagem está, sejamos sinceros, no preço de suas modicíssimas 'entradas' que permitem um bom espetáculo às famílias pobres, aos estudantes e, dahi, os permanentes congestionamentos em frente de sua bilheteria." (Jornal *A Tarde*).

O Guarany, desde o seu primeiro aniversário, firmará a tradição de festejá-lo, oferecendo ora bombons e balões, ora gibis, além de prêmios os mais diversificados, até, segundo consulta aos jornais, o ano de 1964. Enquanto foi festejado, mexia profundamente com a cidade. Durante a semana que antecedia o dia 6 de agosto, eram realizadas sessões ao ar livre, ao cair da tarde, reunindo uma compacta multidão em frente ao prédio do Guarany. A projeção ao ar livre exigia uma mágica, para a época, que somente a boa vontade conceberia: o projetor era fixo, mas o projecionista jogava o foco contra um espelho que então conduzia as imagens em movimento para a tela improvisada no lado de fora do cinema.

A década de 60 chega com o *rock* no rádio, Brasília, o fim das "Reformas de Base" em 64, o projeto do "Brasil Grande", o Brasil da ditadura, dos desaparecimentos. Em meio a tantas transformações, acentua-se a definição do Guarany por um público cada vez mais popular. Assim noticiou o *Jornal do Comércio*, em 62, quando o cinema completava 24 anos: "(...) Especialmente nos domínios da garotada, o Cine Guarany tornou-se mais conhecido através dessa figura simpática e paternal do 'velho' Vasco Faria, com seus cabelos agrisalhados no *métier* a que tem dedicado uma vida de experiência, paciência e bom gosto."

Na década de 70, a cidade de Manaus verá desaparecer quase todos os seus cinemas. Havia surgido o Palace, no Boulevard Amazonas, em fins de 1960, mas o Cine Ideal cessara suas atividades. A Empresa Fontenelle vendera seus cinemas para a companhia de Luiz Severiano Ribeiro que, anos depois, abandona o mercado exibidor de Manaus e vende todas as suas salas: é destruído o Cine Polytheama, que se torna uma grande loja de eletrodomésticos; o mesmo destino tem o Cine Odeon; o Cine Avenida, da Empresa A. Bernardino, também não escapa à especulação e é destruído para dar lugar a outra grande loja de eletrodomésticos.

No bairro de Educandos, cai o Cine Vitória. O Cine Éden fica fechado por uns tempos e é reaberto, posteriormente, com o nome de Veneza. O Popular transforma-se em Pop, mas depois desaparece. A partir de 1973, estão funcionando apenas o Guarany e o Ypiranga.

Em 1983, quando completava 76 anos, o Cine Guarany foi posto à venda. A exemplo de outros cinemas no Brasil, seria demolido para dar lugar a um supermercado ou estacionamento. A última sessão foi marcada para o dia 10 de junho. Reunidos, professores, críticos, cineclubistas, cineastas, intelectuais, políticos e antigos freqüentadores, com o apoio dos jornais, iniciaram um movimento junto ao governo estadual para o tombamento do imóvel, transformando-o em centro cultural.

A notícia correu rápido. Afinal, o Guarany não é apenas um monumento histórico e artístico do povo amazonense. Faz parte de um grupo de menos de dez cinemas, de época, ainda existentes no país. Outras lutas semelhantes foram travadas no Rio, onde um velho cinema, o Íris, foi salvo; a mesma coisa ocorreu com um cinema de Recife; em Belo Horizonte, o governo estadual salvou o Metrópole, por meio do recurso do tombamento.

A verdade é que os candidatos à compra deram para trás e os proprietários tiveram que renovar o contrato de aluguel com a Empresa de Cinemas Bernardino Ltda. O Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, através de ofício, ainda em maio, pede o tombamento do Guarany, atitude que viria a tomar, no mês seguinte, a Assembléia Legislativa do Estado.

Além da importância histórico-artística do Guarany, ainda um outro ponto a seu favor: foi para nós, amazonenses, algo que ensinou a todos que vale a pena lutar para que o presente se esboce sem a necessária destruição do patrimônio do passado. É preciso fugir ao passadismo, mas não necessariamente das lições e dos monumentos que foram deixados. Se mais não é, pelo menos para que entendamos melhor o presente.

Não custa insistir: povo sem memória é povo sem identidade. E um povo sem identidade está exposto a todo tipo de manipulação e dominação.

Excerto do livro Hoje Tem Guarany!, *de Selda Vale da Costa e Narciso Júlio Freire Lobo, edição dos Autores, São Paulo, 1983.*